



# Vale do Café

REVISTA

## Eufrásia Teixeira Leite

*Na contramão de uma Era*

Pg. 12

Pg. 06

### MODA SUSTENTÁVEL

Consumo consciente e  
desapego fashion.

Pg. 10

### CINEMA

Barra do Piraí como  
pólo audiovisual

Pg. 24

### FAZENDAS DO CAFÉ

Fazenda União em  
Rio das Flores.



O nosso prazer  
É RECEBER BEM AS PESSOAS



Av. amareal Peixoto, 307 • Centro • Barra do Piraí • RJ  
24 2442-1161 | 24 2442-1194 | reservas@lemeshotel.com.br



Lemes Hotel

Prazer em receber bem as pessoas



# EDITORIAL

## DEVAGAR SE VAI AO LONGE!

Ainda um pouco inebriados com a boa repercussão de nossa primeira edição, seguimos em frente apesar de todas as dificuldades, com mais motivação e muitas boas expectativas. Não só expectativas boas sobre a Revista Vale do Café, mas em relação à nossa região e toda a riqueza e potencial que ela tem. O Vale do Café já é um destino turístico consolidado mas tem pela frente muito espaço para crescer.

E nós na Revista estamos aos poucos ampliando os nossos horizontes. Dessa vez fomos em Valença, Rio das Flores, Barra do Piraí, Vassouras e Miguel Pereira. Além de manter nossa pauta atrativa queremos ela bem diversificada com fatos e informações de todas as cidades do Vale do Café. Ainda não é possível fazer isso numa só edição, mas muito em breve será. Segundo o dito popular “devagar se vai ao longe”!

Nessa edição ousamos trazer na nossa capa, Eufrásia Teixeira Leite, a ilustre dama da Casa

da Hera. Uma responsabilidade tão grande quanto a da nossa capa de estreia com Manuel Congo, o líder da insurreição escrava ocorrida no Vale em 1838. Fizemos isso sem medo de incorrer nos lugares comuns da história, convictos de que Eufrásia será sempre um enigma e a observação de sua passagem por este mundo oferecerá múltiplos caminhos a serem percorridos e desbravados. O viés que nossa colaboradora especial Mariana Ribeiro deu à Eufrásia é principalmente o da hábil financista, da mulher empreendedora, algo impensável e de certa forma até inconcebível para uma mulher no século XIX.

Conhecemos também a belíssima Fazenda União em Rio das Flores, que funciona como um meio de hospedagem e mergulha profundamente no universo do turismo de experiência. A Fazenda é um grande exemplo de empreendimento que alia a preservação do patrimônio cultural com a possibilidade de

exploração pelo turismo.

Tem ainda uma estreia muito especial e aguardada que é a participação da historiadora e chef portuguesa Ana Roldão com a coluna “Cozinha histórica com Ana Roldão” trazendo uma deliciosa receita de época adaptada por ela.

E não é só isso, tem muito mais. Vem com a gente! E até a próxima edição!



## EXPEDIENTE

COORDENAÇÃO GERAL:

**Thamiris Sales**

EDIÇÃO E DIREÇÃO EXECUTIVA:

**José Luiz Júnior**

DIREÇÃO DE JORNALISMO E DE FOTOGRAFIA:

**Juliana Henriques**

DIREÇÃO DE ARTE, DIAGRAMAÇÃO E ARTE FINAL:

**Bianca Monsore**

DIREÇÃO COMERCIAL:

**Alex Rocha e Maicon Marques**

COLABORADORES:

**Sandra Cândido, Juliana de Brito, Ana Roldão, Ubirajara**

**Pena Júnior.**

ASSISTÊNCIA DE FOTOGRAFIA:

**Fabiano Perri Matheus**

ASSESSORIA ACADÊMICA:

**Carlos Alberto Dias Ferreira (historiador e pesquisador)**

JORNALISTA RESPONSÁVEL:

**Juliana Henriques**



REVISTA VALE DO CAFÉ

Telefone: (24) 98873-3744 / 99266-1822

Anúncios e assinaturas: (24) 99276-6426

CNPJ: 13.918.239/000197

Tiragem: 2.000 exemplares

Circulação: Vassouras, Valença, Barra do Piraí, Mendes, Engenheiro Paulo de Frontin, Piraí, Rio das Flores, Miguel Pereira, Três Rios e Paraíba do Sul.

Publicação mensal de cultura e turismo da região do Vale do Ciclo do Café/RJ.

Os textos dos colaboradores e colunistas se referem a pensamentos, posições e ideologias individuais dos próprios autores e não refletem necessariamente a posição da Revista Vale do Café. Os colaboradores não têm qualquer vínculo empregatício com a Revista.

MODA SUSTENTÁVEL 06  
*Por Juliana de Brito*  
Consumo consciente e desapego fashion.

TÚNEL DO TEMPO 08  
*Por José Luiz Júnior*  
Gonzagão no Vale do Café.

CINEMA 10  
Barra do Pirai se consolida como polo audiovisual no Vale do Café.

EUFRÁSIA TEIXEIRA LEITE 12  
*Por Mariana Ribeiro*  
A ilustre dama da Casa da Hera.

CACHAÇA UNIÃO CARVALHEIRA 16  
Tradição e empreendedorismo no Vale do Café.

COZINHA HISTÓRICA 18  
*Por Ana Roldão*

PARENTESCO ENTRE ESCRAVOS 20  
*Por Sandra Cândido*

RESENHA 21  
Entrevista com Roselene Martins sobre o Livro  
'Dicionário Histórico do Vale do Paraíba Fluminense'.

FAZENDAS DO CAFÉ 24  
*Por Juliana Henriques*  
A fazenda União.

DOSSIÊ DO PATRIMÔNIO CULTURAL 29  
*Por José Luiz Júnior e Carlos Alberto Dias Ferreira*  
Estação Desengano.



Foto da capa: Quadro Pintado por Carolus Duran atualmente localizado no acervo do Museu Casa da Hera.



# A GENTE NUNCA SABE QUANDO VAI PRECISAR

HÁ 20 ANOS, NOSSAS  
SOLUÇÕES EM SEGUROS  
DÃO TRANQUILIDADE  
A SUA VIDA!



R. Domingos de Almeida, 39,  
Centro - Vassouras-RJ

24 2471-1906 | 2471-1806 (fax)  
www.baroesseguros.com.br



**CIDADE DOS BARÕES**  
corretora de seguros



## FOTOGRAFIA DE INTERIORES & FAZENDAS HISTÓRICAS

**felipe  
fernandes**  
FOTOGRAFIA

(24) 99290 1557

FB.COM/FELIPEFERNANDESFOTOGRAFIA

## REPÚBLICA DOS PAMPAS O MELHOR DA COMIDA CASEIRA GAÚCHA



Av. Otávio Gomes, 171,  
Centro - Vassouras/RJ  
24 2471-1977



## MERCADO NOVA UNIÃO

*Uma família cuidando bem da sua família!*



Rua Chanceler Raul Fernandes, 151

Centro - Vassouras/RJ (24) 2471-3279

Aberto das 7 às 22 horas  
Domingos e feriados até às 14 horas



**JULIANA DE BRITO**

Formada em Direito, pela UGB, Universidade Geraldo Di Biase, com MBA em Administração pela FGV, Fundação Getúlio Vargas, é designer de acessórios por vocação e colunista de moda por paixão (“Aquela metamorfose ambulante”).

**A COLUNA**

Assim como a arte, a moda também é uma forma de expressão, por isso nossas roupas devem estar de acordo com a imagem que gostaríamos de transmitir e, acima de tudo, com a nossa personalidade. Na nossa coluna vamos falar sobre os destaques da moda na nossa região, as novas tendências, o que acontece no mundo da moda de uma forma geral, bem como, sobre o comportamento de consumo na moda contemporânea.

# MODA SUSTENTÁVEL

## Consumo Consciente e Desapego Fashion

ATUALMENTE A PALAVRA DA MODA é sustentabilidade! Estamos vivendo uma “Eco Era” em que as pessoas buscam por vida saudável, se preocupam com os “rótulos” dos produtos - sem glúten, sem açúcar, sem caloria - , participam de abaixo assinados para salvar a Amazônia, exibem corpos sarados, expõem sua “health life” nas redes sociais... Mas esquecem todo esse propósito de “consciência verde” e vida saudável na hora de comprar, usar e descartar suas roupas.

Aparentemente as palavras “moda” e “sustentabilidade” podem parecer extremos opostos, em razão da velocidade com que se movem as criações e novas tendências do mundo da moda e o quanto isso parece ser “descartável” a cada nova coleção. No entanto, cada vez mais rápido a indústria da moda tem se preocupado em aderir aos padrões de sustentabilidade. A nova era da moda se preocupa com os três pilares sustentáveis: ambiental, econômico e social. Existe uma preocupação em como as nossas roupas chegam aos nossos guarda-roupas, como são feitas, de que forma, por quem e com qual material.

Hoje em dia é fácil unir moda e sustentabilidade sem parecer estar vestida com um trabalho escolar de seu filho (não que o trabalho do seu filho não seja bacana!). Somos um país rico em recursos naturais e humanos. Grandes marcas já provaram pra nós que estar na moda e ser sustentável, são coisas possíveis. Novos materiais naturais têm substituídos o mercado dos sintéticos, couros de peixe estão tomando o lugar do couro de boi em grandes coleções e a preocupação com a cadeia produtiva de uma forma geral, principalmente com a qualidade do ambiente de trabalho, têm virado o lema de grandes empresas.



Foto: A atriz Emma Watson roubou a cena no baile de gala 2016 do MET – Metropolitan Museum of Art, em Nova York, ao usar um vestido feito a partir de plástico reciclados de garrafas PET, produzido através da parceria entre a marca Calvin Klein e a ONG Eco Age).

Foto: Bolsa em couro de Pirarucu, criada pela marca Osklen em parceria com o Instituto-E, fundado por Oskar Metsavaht, também criador da marca.



# “MAS QUAL O NOSSO PAPEL NESSA NOVA ERA?”

De que maneira podemos contribuir, além de consumir produtos das marcas que se preocupam com o movimento sustentável?

Um dos aspectos questionados para uma empresa sobre a produção sustentável é o descarte de materiais que não foram aproveitados. E o nosso descarte? O que fazemos com as roupas antigas quando compramos a nova peça desejada da estação? Muitas vão responder “guardo na gaveta, pois um dia posso querer usar” ou “vou guardar porque um dia essa moda pode voltar”. Sim, as tendências de moda vão e voltam! Algumas peças ícones são indispensáveis no guarda-roupas (eu mesma tenho uma gaveta com peças que têm a minha idade, eram da minha mãe e agora eu as USO e AMO!), mas as roupas que não nos servem mais, aquelas que de fato enjoamos (isso acontece) ou aquelas que compramos na TPM e não tiramos a etiqueta (atire o primeiro sapato quem nunca fez isso!), essas devem ser descartadas.

Na onda do consumo consciente, devemos desapegar de tudo o que não nos serve mais (seja por medidas ou por gosto) e poderá ser útil para outras pessoas. A melhor maneira de se fazer isso nos dias de hoje é aderir à moda dos bazares e dos grupos de desapego. Nada é mais sustentável do que passar adiante uma roupa que você não usa mais, fazer outra pessoa feliz por estar comprando uma roupa bacana com um preço inferior ao da loja e, melhor ainda, ganhar uma graninha em troca.

Aqui na nossa região são vários os grupos de desapego nas redes sociais (tem listinha no final da matéria com dica dos grupos mais bacanas para seguir) onde as meninas postam as peças que querem se desfazer e, a partir daí, pode rolar troca ou venda. O combinado é feito diretamente entre as integrantes do grupo, o que facilita ainda mais a negociação. Mas se você gosta mesmo da sensação de ir até a loja para escolher os seus looks, nós temos uma boa notícia.

Há dois anos, as primas Mariana Coelho e Marina Resende, que moram em Barra Mansa, resolveram fazer um bazar de garagem para se desapegar de algumas peças e reunir algumas amigas com a mesma ideia sustentável. O bazar do final de semana foi um sucesso e deu lugar ao ‘Querido Closet’, que funciona como uma loja (virtual e física, como você preferir) onde você encontra os desapegos mais bacanas da região. A loja reúne roupas das proprietárias e das colaboradoras que apoiam a ideia! Para ser uma colaboradora (como elas chamam as ‘desapegadas’ que deixam suas peças para vendas na loja), basta entrar em contato e levar suas peças para que passem pela análise e aprovação das sócias. Uma vez aprovada, sua peça terá um preço estipulado pelas ‘Maris’ (40% do valor é para loja e 60% para a colaboradora) e estará disponível para venda no ‘Querido Closet’ e nas redes sociais. Feito isso, é só esperar pelo retorno!

Caso você queira entrar na moda sustentável de consumo consciente e fazer novas aquisições por um precinho ótimo, é só ficar de olho nas redes sociais e em tudo o que acontece nesse mundo de desapegos fashion. Nos encontramos nos grupos e, quem sabe, podemos fazer negócio?



FOTO: QUERIDO CLOSET

## DICAS DE DESAPEGOS

### QUERIDO CLOSET

Funciona as quartas, de 18:00 às 20:30h  
Av. Verbo Divino, 516, centro, Barra Mansa

[f/queridocloset](#) [@queridoclosetonline](#)  
☎ 24 998316314

### ARRUMANDO O ARMÁRIO

[f](#) Arrumando o Armário - Vassouras

### DESAPEGO FEMININO

[f](#) Desapego Feminino Barra do Piraí - Piraí  
- Volta Redonda - Mendes

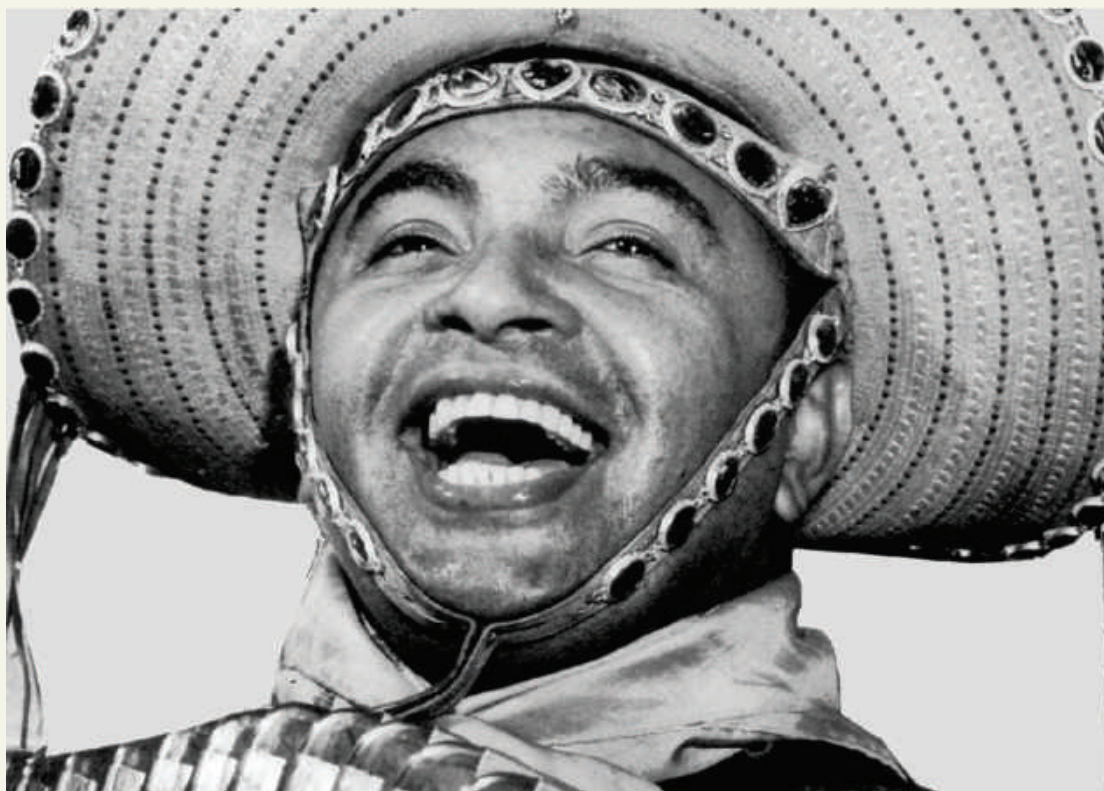
### DESAPEGOS VR

[f](#) Desapegos VR - Volta Redonda  
[@desapegosvr](#)

# O REI DO BAIÃO



## *Gonzagão no Vale do Café*



por JOSÉ LUIZ JÚNIOR

*Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, foi presença constante no Vale do Café entre as décadas de 50 e 70. Não somente marcou presença, como adquiriu terras, e fez música pra duas cidades da região, Vassouras e Miguel Pereira. Duas das músicas fazem referência específica à Miguel Pereira: Forró de Cabo a Rabo, onde cita Zé Nabo, ex-prefeito da cidade e Boi Bumbá ou A Partilha do Boi, que fala de um boi enviado a Miguel Pereira para a carne ser dividida entre as mais conhecidas famílias da cidade como Dr. Calmon, Dr. Orlof e Manduca Bernardes, João da Fornemat, a negra Sabina, Maria Badolati e outros. E compôs também uma dedicada especialmente à Vassouras, cujo título é o próprio nome da cidade.*

*A relação dele com a região, e principalmente com Miguel Pereira, foi de prazer, carinho e muita solidariedade. De acordo com o professor e historiador Sebastião Deister, morador de Miguel Pereira e profundo conhecedor da história da região, Luiz Gonzaga morou no centro da cidade entre os anos de 59 e 62, período em que sua esposa Helena exerceu o cargo de vereadora na Câmara Municipal. Durante esses anos, Gonzagão teve*



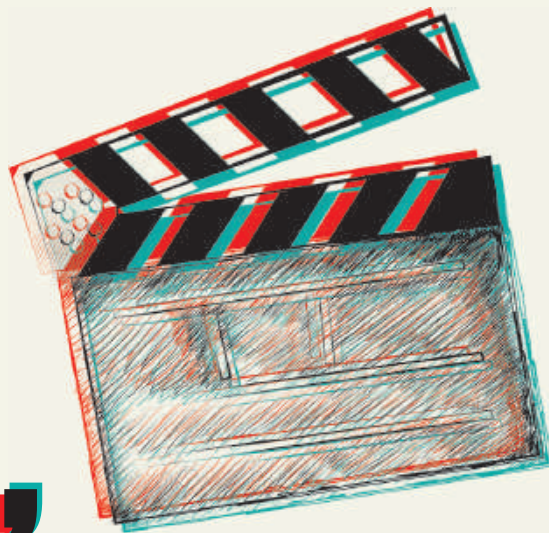
*intensa participação social em Miguel Pereira, especialmente nos movimentos de criação do Hospital local, para cujas obras concorria promovendo shows e organizando eventos para efetivar a arrecadação de donativos destinados à campanha de conclusão do ambulatório da Fundação Miguel Pereira. Colaborando ainda com os trabalhos da esposa na Câmara, Gonzagão conseguiu iluminação pública para algumas ruas, calçamento para tantas outras e até mesmo a criação de uma escola na divisa Miguel Pereira/Ferreiros, unidade, a propósito, em funcionamento até hoje. No início dos anos 70, Luiz Gonzaga retirou-se para sua cidade Natal, Exu, em Pernambuco. O notável Rei do Baião faleceu em Recife em 1989.*

*É necessário registrar também que Gonzaguinha, filho de Luiz Gonzaga, estudou durante o ano de 1962 no Ginásio Governador Portela, Distrito de Miguel Pereira, ali cursando a 4ª Série do antigo Primário.*

*A foto abaixo, de Júlio Hofacker, mostra o Rei do Baião em uma apresentação realizada ao ar livre na Praça Barão de Campo Belo em Vassouras em 1957, durante as comemorações do centenário de elevação à cidade.*



# LUZ, CÂMERA, AÇÃO!



## BARRA DO PIRAÍ SE CONSOLIDA COMO PÓLO AUDIOVISUAL NO VALE DO CAFÉ

A Sétima Arte agora faz parte definitivamente da agenda turística e cultural do município de Barra do Piraí no Vale do Café. Não só da agenda cultural e turística, mas também da agenda do desenvolvimento econômico. A cidade percebeu a importância da indústria cultural, especificamente a indústria cinematográfica como ferramenta para alavancar a economia local.

Em 2009 o governo municipal, na gestão do hoje Deputado Estadual José Luiz Anchite, que foi Secretário Estadual de Desenvolvimento Regional, Abastecimento e Pesca criou um escritório chamado "Film Commission" com o objetivo de atrair, dar suporte a produções e oferecer a cidade como locação. Os resultados tem sido muito positivos e até agora um total de 17 produções, duas delas internacionais levarão imagens da cidade. A cidade foi cenário também para o filme "O Casamento de Gorete", a novela infanto-juvenil do canal Globo, 'Gaby Estrella', e o curta-metragem 'Atoto'. Em setembro terão início as gravações de "Hope Killers" um longa sobre vampiros com orçamento estimado em R\$ 1,3 milhões. Antes disso será gravado o longa "Goitacá" que trará atores como Lady Francisco e Leandro Firmino, o Zé Pequeno, de Cidade de Deus.

Importante ressaltar que boa parte dos orçamentos de todas essas produções ficam na cidade. Despesas como alimentação, deslocamento, hospedagem e locações colaboram para girar a economia local, gerando divisas e

empregos diretos e indiretos. Como contrapartida a cidade oferece benefícios fiscais e fornecimento de mão de obra especializada.

Outra iniciativa também criada pelo ex-prefeito José Luiz Anchite foi o Festival Internacional Estudantil de Cinema de Barra do Piraí ou simplesmente FestCine que teve início em 2009 em parceria com a produtora audiovisual Mauá Filmes e a Reluz Logística Reversa Ltda. Realizado na antiga estação ferroviária de Barra do Piraí, o festival está na sétima edição, e é uma espécie de Oscar estudantil brasileiro. Tem cinco indicados em oito categorias para curtas produzidos por alunos das escolas de Barra do Piraí. E outra premiação, com dez filmes nacionais para mostras de filmes produzidos por estudantes do sexto ano do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio de escolas de todo o país. Cerca de 3.500 pessoas participaram da última edição em maio passado.

Todo um conjunto de fatores demonstra que Barra do Piraí se planejou para colher esses resultados. Em 2013 por exemplo a FAETEC local passou a ofertar os seguintes cursos, todos relacionados à produção audiovisual: Editor de animação, Editor de vídeo, Composição e Efeitos visuais, Roteirista, Figurinista, Sonoplasta e Assistente de produção audiovisual, além de cursos de idiomas.



**centro integrado de saúde**  
unidade materno infantil

Atendemos  
particulares e convênios

 (24) 2471-8381 / 2471-8384

[www.cismaternoinfantil.com.br](http://www.cismaternoinfantil.com.br)

**CARINHO COM QUEM  
VOCÊ MAIS AMA.**

**24H** PRONTO  
ATENDIMENTO  
PEDIÁTRICO



*Beleza, requinte e conforto*

24 2471-2071 | [www.hotelgramado.com.br](http://www.hotelgramado.com.br)



Hotel Gramado da Serra



**CPP**  
**CONSTRU CENTER**

CONSTRUÇÃO E DECORAÇÃO  
R. Ambrósio Coutinho, 26, Madrugada,  
Vassouras/RJ | 24 2491-8000



# *Eufrásia Teixeira Leite*

## A ILUSTRE DAMA DA CASA DA HERA

por MARIANA RIBEIRO

“Falei-lhe com franqueza na minha resposta, não poderia dizer que não sabia, se pareceu-lhe um enigma assim como as outras minhas cartas, é que então sou um enigma eu mesma,...” (...)

(Carta de Eufrásia enviada para Joaquim Nabuco, datada de 4 de julho de 1876. Do acervo da Fundação Joaquim Nabuco- FUNDAJ, Recife, PE)

# quem foi EUFRÁSIA Teixeira Leite

PARA ENTENDER ESSA HISTÓRIA é preciso sacudir o pó e revirar muitas caixas de documentos porque cada informação é uma preciosa peça para montar o quebra cabeça da vida dessa mulher que escolheu seu destino, quando cabia as mulheres apenas ter um papel secundário em suas próprias vidas.

Eufrásia é a terceira filha do casamento entre Ana Esméria da família Corrêa e Castro e Joaquim José da família Teixeira Leite, sendo que o único filho homem do casal morreu ainda bebê.

O Comendador Joaquim José Teixeira Leite se formou bacharel em Direito em São Paulo, foi político e negociante influente, comissário de café e presidente da Câmara Municipal de Vassouras em duas ocasiões: 1844-48 e 1861-64. Foi também deputado pela Província do Rio de Janeiro e grande entusiasta da construção da estrada de ferro. Sua principal atividade era a Casa Comissária. Os comissários recebiam dos fazendeiros o café para ser vendido e exportado. O dinheiro arrecadado com a venda era mantido em crédito em uma conta dos fazendeiros, desta eram debitados o valor dos mantimentos e outros pedidos que garantissem novas plantações. Eram as casas comissárias que financiavam a lavoura e a garantia era a safra futura.

O poder e a fortuna estavam na mão dos detentores de recursos para a produção que predominava no país, seja na propriedade física (controle do processo produtivo como fazendas e mão de obra), como a disponibilidade de recursos financeiros (empréstimos e intermédio nas negociações de preços para exportação). Duas fontes e formas de poder distintas que se complementavam.

A família Teixeira Leite tinha uma ampla abrangência de atuação na área econômica, tendo atuado como comissários, comerciantes e detinham altas participações acionárias em bancos e empresas, em alguns casos sendo eleitos e atuando na gestão como presidentes e diretores em assembleias das mesmas. A denominação de irmãos "Teixeira Leite" foi encontrada de forma recorrente durante os documentos pesquisados da época, o que mostra suas associações e alianças na execução de seus projetos.

A família do ramo materno, os Corrêa e Castro, foram proprietários de fazendas na região com grandes produções de café. Laureano, Barão de Campo Belo, foi proprietário da fazenda do Secretário. Além de vereador da Câmara em 1833, inaugurando os trabalhos da municipalidade em Vassouras. Também ocupou o cargo de Comandante da Guarda Nacional, jornais da época relatam que havia 800 homens sob seu comando.

O casamento era uma forma de fazer e firmar alianças entre as famílias como no caso dos Corrêa e Castro produtores de café e os Teixeira Leite que detinham crédito e assim financiavam a produção rural.

Vassouras atinge seu auge de produção em 1850, o que possibilitou para as famílias viver esplendor em uma vila nascente e próspera. A cidade já possuía calçamento, teatro, médico, Igreja matriz tudo financiado pelo Ouro verde como era chamado o café.



Foto: Quadro pintado por Carolus Duran - Azenha do Museu Casa da Hera.

No Museu Casa da Hera pode ser encontrado um aquecedor com chaminé móvel, piano Herz de cauda longa, um aparelho de estereoscópico onde as lentes faziam a imagem se tornar tridimensional, esse efeito encantava a família e os convidados nos momentos de intimidade e convivência.

Eufrásia nasce em meio a essa prosperidade na vila e é batizada na Igreja matriz de Nossa Senhora Imaculada Conceição. Francisca e Eufrásia estudaram no famoso colégio de moças de Madame Grivet. As irmãs perdem a mãe e o pai em um período curto, partem então no ano 1873 rumo a Europa decididas a fixar residência em Paris. A cidade não era novidade para elas pois já haviam vivido ali durante a adolescência. Além disso, um dos irmãos do Dr. Joaquim, o Comendador Custódio Teixeira Leite, era diretor da Companhia Brasileira de Tramways em Paris e vivia na cidade há alguns anos.

Alguns anos depois Francisca e Eufrásia adquirem um imóvel na Rua Bassano no número 40, próximo a Champs-Élysées. O terreno tinha mais de 695 metros quadrados construídos com quatro edifícios, sendo o principal com fachada para rua, um para festas e recepções, um jardim de inverno e o edifício para moradia dos empregados. Os jornais de Paris noticiam que as Mademoiselles Teixeira Leite recebiam na sua casa as quintas-feiras. O quadro que retrata Eufrásia e está no acervo do Museu Casa da Hera foi pintado nessa fase pelo pintor Carolus Duran.

O luxo que Eufrásia vivia em Paris é constatado ao se admirar um vasto acervo de indumentárias, inclusive vestidos confeccionados por Charles Frederick Worth que atendia também a Imperatriz Eugénia e as mulheres das famílias Rothschild e Vanderbilt, no acervo do Museu Casa da Hera.

Foto: Letícia Guimarães, Eufrásia e Francisca Bernardina Teixeira Leite - acervo do Museu Casa da Hera



## Derradeiros anos...

Eufrásia veio ao Brasil com sua irmã após longa estadia na França, no ano de 1885 o jornal O Paiz noticia o encontro de Mademoiselles Teixeira Leite, o Imperador, Conde d'Eu e alguns convidados, como ministros britânicos e o Barão e Baronesa de Estrela que embarcaram no Marchese, de propriedade do conde Dudley para seguir uma viagem a recreio e Paquetá.

Quando não estava no Brasil fazia questão de receber da Casa da Hera vidros de água de rosas do jardim, doces e chá de jasmim. No jardim da casa de Paris há o registro de jabuticabeiras no jardim de inverno.

Após o falecimento de Francisca em 1899, a vida social de Eufrásia se torna mais ativa, passa, por exemplo, a ser doadora da associação de amigos do Museu do Louvre o que permitia que ela visitasse as exposições antes de serem abertas ao público.

No ano 1926 ela volta ao Brasil e por carta avisa que está a caminho de Vassouras pedindo que se certifiquem que o piano da Casa da Hera está afinado.

No início de 1930, com intenção de voltar à Europa e já com a passagem de navio comprada, Eufrásia pede em carta a um secretário em Paris que avise seu médico sobre a uremia e o questione se existe a possibilidade de viajar. A resposta foi para que aguardasse uma melhora com o tratamento, pois caso viesse a sofrer uma crise no navio, não teria como ser socorrida, assim desistiu da viagem. Com o agravamento de seu quadro de saúde falece no Rio de Janeiro em 13 de setembro de 1930, em um apartamento na Ladeira da Glória. Seu corpo foi levado para ser enterrado em Vassouras de trem no Mausoléu da Família Teixeira Leite.

O processo de inventário foi aberto, o Dr. Raul Fernandes, foi designado o inventariante dos bens no exterior. Ele foi à Europa em 1 de maio de 1931, e explicou ao juiz que atrasou sua viagem por dois motivos: a crise econômica e a possibilidade de uma ação para anular o testamento movido pelos parentes colaterais. O inventariante dos bens no Brasil foi o Dr. Antônio Fernandes Junior, irmão do Dr. Raul.

A mulher muito à frente do seu tempo foi julgada e muitas vezes mal interpretada o que faz nascer histórias como a suposta determinação de que parte do seu dinheiro fosse destinado a cuidar do burrinho Pimpão quando a única menção em seu inventário é a de posse de um burrinho cor pinhão que foi vendido assim como todos os seus bens com exceção da casa em que nasceu e viveu com a família e onde hoje funciona o Museu Casa da Hera administrado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).



FOTO: CASA DA RUA BASSANO (FOTO EXTRAÍDA DO GOOGLE EARTH)



FOTO: REPRODUÇÃO DO CBITÁRIO DE EUFRÁSIA NO JORNAL DIÁRIO DA NOITE EM 1930

## EXPERT NAS FINANÇAS

No primeiro levantamento da posição acionária de 13 de janeiro de 1931 em um dos bancos que eram seu intermediário, o Bank of London and South America do dia 13 de janeiro de 1931 era extensa (cinco páginas), e nela constavam 262 posições acionárias de empresas de atividades muito diversas, como mineração, segmento têxtil construção de ferrovias. Além disso, Eufrásia possuía também ações, debêntures e apólices dos mais diversos governos em dívidas ativas. Através de seus investimentos em Bolsa de Valores, lidou com um cenário internacional complexo que compreendeu a primeira guerra mundial e o período entre guerras, que causaram um movimento de protecionismo nas economias de maneira geral. Os investimentos financeiros dela compreendiam diversas moedas, países e formas de ativos.

## FILANTROPA

Quando Eufrásia faleceu, seu testamento determinava que seus bens fossem vendidos e doados. Uma grande soma em dinheiro é entregue para a Santa Casa de Misericórdia de Vassouras e uma parte deveria ser investida na construção do Instituto Profissional Masculino Dr. Joaquim José Teixeira Leite e um instituto feminino de educação (foi entregue uma ordem religiosa), sendo que uma das causas obrigatórias é que se mantivesse bolsa de estudos para crianças de famílias que não poderiam arcar com esses gastos. Além disso, com o dinheiro e seguindo a sua vontade foi construído e entregue em 1941, o Hospital Eufrásia Teixeira Leite, com 200 leitos, laboratório clínico, setor de raios X, fisioterapia e lavanderia, cujo diretor era o Dr. Luiz Pinto comandando as cinco seções: clínica médica, pediatria, oftalmologia, otorrinolaringologia e cirurgia.

MARIANA RIBEIRO É ANALISTA FINANCEIRA E PESQUISADORA AUTÔNOMA (APAIXONADA).

FOTO: MUSEU CASA DA HERA - WWW.MUSEUS.GOV.BR



# CACHAÇA UNIÃO CARVALHEIRA

tradição e empreendedorismo no Vale do Café

Por trás de uma boa cachaça tem sempre uma boa história. No caso da cachaça União Carvalheira, várias boas histórias. Que foram especialmente contadas para a Revista Vale do Café no alambique da fazenda União Carvalheira pelo próprio criador da marca, Nélío Carvalheira, o Nelinho como é mais conhecido.

Filho do empresário Nilo Francisco Carvalheira, grande empreendedor da região, Nelinho aprendeu bem cedo a arte de empreender. Emancipado com menos de 16 anos com o objetivo de assinar um contrato para vender pedras à Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), ele coleciona histórias e causos de transações, negócios e empreendimentos.

A cachaça, que leva o nome da família, é produzida há 37 anos na fazenda União Carvalheira, que fica estrategicamente localizada entre Mendes, Vassouras e Barra do Piraí. A figura do trem que estampa os rótulos não é por acaso. Nelinho é um verdadeiro apaixonado por trens e tudo o que se refere à estradas de ferro. Possui na própria fazenda uma mini-ferrovia construída por ele com direito a

túnel e ponte na qual é possível que o visitante passeie a bordo de uma linda Maria Fumaça bitola 60 cm modelo 4.0, equipada com motor à diesel de 2 cilindros.

O processo de produção da Cachaça União Carvalheira é totalmente artesanal. A cachaça é feita com ingredientes criteriosamente selecionados e envelhecida em tonéis de carvalho. O próprio bagaço da cana é utilizado como combustível para a caldeira, tornando a produção ainda mais limpa. A fazenda produz 60 mil litros de cachaça anualmente.



FOTO: NÉLIO CARVALHEIRA, POR JULIANA HENRIQUES.

RVALHEIRA



A marca oferece duas variações muito interessantes que são as cachaças com sabores de banana e de café. Na fazenda são produzidos também deliciosos doces e licores com destaque para o delicioso licor de leite que é uma receita francesa da família de Luiza Vachod, esposa de Nelinho.

A cachaça União Carvalheira é exportada hoje para a Alemanha e para a Holanda e está em negociação para a exportação em outros países, além de ser comercializada na região. Ela ficará exposta no Rio Media Center durante as Olimpíadas 2016 no Rio de Janeiro. O Alambique está aberto diariamente para visita, degustação e venda dos produtos. No caso de visita de grupos, estes poderão ser agendados previamente e serão oferecidos no pacote, pastéis com caldo de cana e degustação das bebidas. Pode-se incluir o passeio de trenzinho na visita. É possível encontrar a cachaça em diversos pontos de venda do Vale do Café.

#### SERVIÇO:

**VENDA DE CACHAÇA (VAREJO E ATACADO)**  
(24) 2471-1399 / 2471-2377 / 98112-7503

**VISITAÇÃO GUIADA AO ALAMBIQUE (AGENDADO)**  
(24) 2471-1399 / 2471-2377 / 98112-7503 ou (24)  
**2471-7462 (BomTempo Turismo)**

Localização da fazenda: Vassouras/RJ - Na estrada Mendes X Barra do Pirai via Ipiranga (2,5 km do trevo da ponte do Rocha)

Email: [uniaocarvalheira@hotmail.com](mailto:uniaocarvalheira@hotmail.com)  
[fazendauniaocarvalheira@hotmail.com](mailto:fazendauniaocarvalheira@hotmail.com)

FOTO: JULIANA HENRIQUES



Além da cachaça tradicional a marca oferece também cachaça com sabores de café e banana.

Fotos: Juliana Henriques



COZINHA  
HISTÓRICA COM

# Ana Roldão

Chef de cozinha,  
historiadora e pesquisa-  
dora de gastronomia  
dos séculos XVIII e XIX.

COZINHAR E ALIMENTAR AS PESSOAS É UM ATO DE AMOR!

Quando o editor da revista me convidou para ser colunista, fiquei muito lisonjeada e comecei a divagar: o que as pessoas gostariam de saber sobre alimentação? história de alimentação? a comida dos barões do vale do café? receitas? então pensei, a minha coluna irá se chamar "Cozinha Histórica com Ana Roldão" onde eu contextualizarei historicamente alguma receita ou um alimento ou falarei sobre etiqueta à mesa, e a cada edição escreverei uma receita histórica e a sua adaptação, o que permitirá que os amantes da boa cozinha e da boa mesa possam colocar a mão na massa!

Nesta minha primeira coluna escolhi o livro "Cozinheiro Imperial, Nova Arte do Cozinheiro e do Copeiro..." o primeiro livro de cozinha publicado no Brasil assinado por R.C.M., cuja primeira edição é datada de 1840. Este livro agrupa as receitas

conforme as categorias dos alimentos, e as primeiras três edições desta obra tinham um receituário tipicamente europeu com a influência da culinária portuguesa, italiana e principalmente francesa, e só na quinta edição em 1866 começam a ser introduzidos os "muitos e saborosíssimos quitutes brasileiros como sejião vatapás, carurus, angús, carís, moquecas ou moquencas de peixes,..." aqui já começando a aparecer a culinária brasileira de raiz africana.

Este livro foi uma importante publicação brasileira da arte culinária do século XIX, sendo uma fonte importantíssima para o estudo das receitas da época. Era destinado às casas da nobreza brasileira.

Para a coluna de hoje escolhi uma receita de sobremesa que lembra muito a nossa atual rabanada, transcrevendo a receita original e a

adaptação que fiz.

Até á próxima cozinha histórica e bom apetite!



Fonte: Cozinheiro Imperial - Biblioteca Nacional/RJ

## Fatias à Pompadour

"Cortado o miolo de pão em bocados redondos ou quadrados, da grossura de dous ou tres dedos, deite-se por um instante de mólho em vinho branco da Madeira, ou em qualquer outro vinho branco; passem-se depois de escorridos, por ovos batidos, frijão-se, e repitão o mesmo duas ou tres vezes, como acima foi dito; depois de fritas, e de boa cor, sirvão-se com calda de vinho do Rheno, e assucar em ponto.

N.B. Todas as fatias se podem fazer, molhando-se em água, leite, ou em o liquor que quizerem."

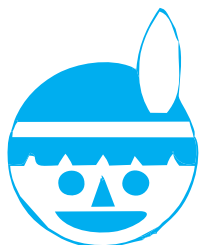
### Ingredientes

02 pães de forma brancos, firmes e sem casca;  
Óleo para fritar;  
01 cálice de 30ml de 3 vinhos (vinho Madeira, licor de amêndoas ou avelãs e vinho do Porto);  
Canela a gosto;  
Açúcar a gosto;  
01 litro de leite  
04 ovos

### Modo de Preparo

- 1- Colocar em um recipiente os três vinhos, o leite e 3 colheres de sopa de açúcar;
- 2- Molhar as fatias de pão nesta mistura e reservar;
- 3- Bater os ovos e passar as fatias de pão;
- 4- Escorrer;
- 5- Fritar as fatias de pão, dourar dos dois lados e escorrer em papel-toalha;
- 6- Salpicar com açúcar e canela e servir!

# ESCOLA ÍNDIO AMIGO



38 ANOS DE HISTÓRIA NA  
EDUCAÇÃO DE VASSOURAS



(24) 2471-2415

## MATERIAL GRÁFICO PARA CAMPANHA POLÍTICA?

ELEIÇÕES  
FLUXUS 2016

ADESIVO VINIL  
ADESIVO PERFURADO  
CARTÃO DE VISITAS  
COLINHA  
PLACAS

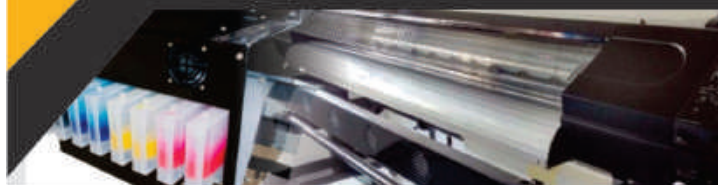
BANDEIRA  
PANFLETOS  
PRAGUINHAS  
SANTINHOS



FOTOS E EDIÇÃO DE IMAGENS **GRÁTIS** \*

\*PARA CANDIDATOS QUE FECHAREM PACOTES MÍNIMOS DE MATERIAIS.

PROFISSIONAIS CAPACITADOS  
MAQUINÁRIO PRÓPRIO

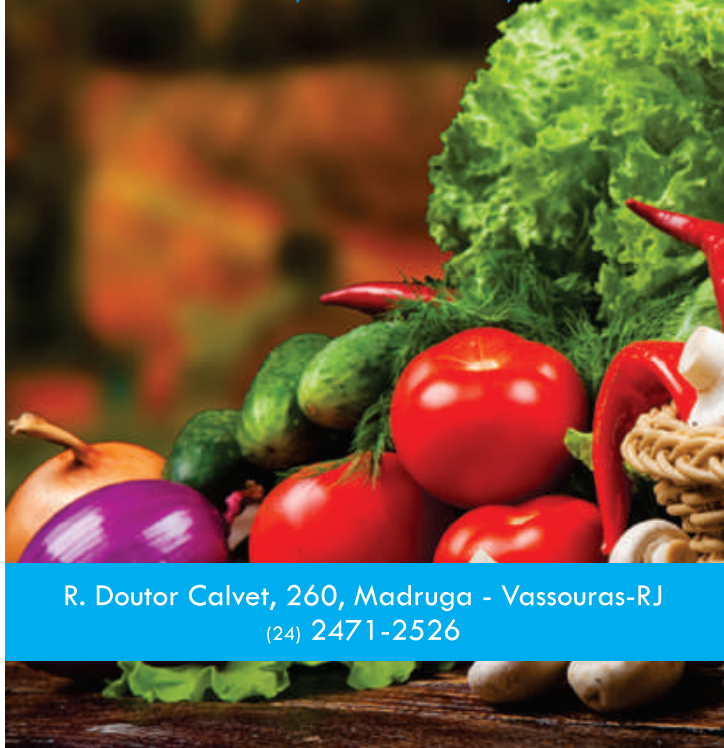


**FLUXUS**  
comunicação

Fluxus Comunicação  
Casario Shopping - Centro - Vassouras/RJ  
(24) 2471-1244  
Ligue e solicite um orçamento!

# MERCADO SERVE BEM

*Servimos bem para servir sempre!*



R. Doutor Calvet, 260, Madrugada - Vassouras-RJ  
(24) 2471-2526



Música ao vivo  
Quinta a sábado



**PROMOÇÃO**  
COMIDA JAPONESA  
Sushi, sashimi e makimono  
Toda Quinta a partir das 18h **R\$ 1,50**  
Por peça

**VARANDAS**  
RESTAURANTE



**RODÍZIO DE PIZZA E MASSAS**  
Domingos e Segundas, das 18h às 23h.  
**R\$ 38,90**

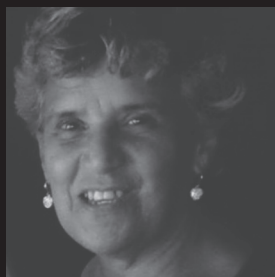


**HAPPY  
HOUR  
AMIGOS**

**AQUÍ TEM**  
R\$ 3,90  
CHOPP BRABÇA E HEIKEN  
SEGUNDA A SEXTA  
das 16h às 19h

**Delivery** 24 2471-3392  
Segunda a sábado das 16h às 23h  
Domingo 18h às 23h





## SANDRA CÂNDIDO

Bacharel e Licenciada em História pela Universidade Santa Úrsula - Bacharel em Arquivologia pela UNIRIO, Mestre em História Regional pela Universidade Severino Sombra. Pesquisadora, Genalogista e Escritora e Poeta tendo como fonte inspiradora a Geração dos Poetas do Mimeógrafo.

### FONTES

#### Manuscritas:

Centro de Documentação Histórica da Univ. Severino Sombra – USS

TESTAMENTO – de Francisca Maria do Espírito Santo - Província de Vassouras do ano de 1850.

INVENTÁRIO 1840 – Bernardo

Gomes de Aguiar Júnior

INVENTÁRIO 1845 – Luiz

Corrêa de Mattos

INVENTÁRIO 1843 – José

Jorge da Silva

INVENTÁRIO 1841 - Luiz

Gomes Ribeiro

#### Livros e Artigos

LIMA, Lana Lage da Gama. *Rebelião Negra e Abolicionismo* - Rio de Janeiro Achiamé, 1981. 165p. Série Universidade: História: 19

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. S. Paulo. ANPUH| Marco Zero. Vol.8 No. 16, março de 1988/ agosto de 1988.

GOENDER, Jacob. A *Escravidão Reabilitação*.

# PARENTESCO ENTRE ESCRAVOS

## *uma reflexão*

“Tantas coisas a falar e tantas a silenciar. Alguns fatos são mais bem guardados no silêncio, mas assim silenciados, tornam-se um terrível fardo”.

In : Dibs em busca de si mesmo

Virgínia M. Axline

Porque as relações de parentesco entre os escravos? A escolha do tema não foi uma opção feita ao acaso, pois por mais que tentemos ficar isentos é muito difícil abandonarmos nossas ideologias e pensamentos.

A estrutura social e a formação das classes sociais passam primeiramente pela formação das famílias e de sua estrutura, e um país é reflexo dos grupos familiares que o compõe e que o formaram, portanto, a família escrava tem papel importante, por que não dizer fundamental para nossa formação enquanto nação, principalmente se nos remetermos ao fato de que praticamente toda família brasileira, ou em tempo remoto ou no presente tem relações de parentesco com algum escravo ou seu descendente.

O interesse pela questão surgiu ao pesquisar a primeira vez no antigo Centro de Documentação Histórica da Universidade Severino Sombra, hoje integrado ao Arquivo Público Municipal. de Vassouras. E a ideia de estudar a formação das famílias e suas relações de parentesco, foi se tornando cada vez mais forte, principalmente após fazer um levantamento dos catálogos de documentos e constatar nos inventários e testamentos que havia a menção a escravos casados, significando portanto a existência de famílias escravas nos anos de 1840 a 1850 período delimitado para a pesquisa. Devido a estudos anteriores, mas de período histórico posterior, sabia-se da existência de famílias escravas no Vale, pois quando da elaboração e do levantamento de dados para o estudo genealógico da família Ribeiro do Val, que se estabeleceu na região em meados de 1870, constatou-se não só em testamentos, como também em documentos, livros de registros da fazenda da família e no livro “Cachoeira e Porangaba” de Fernando Vieira Ferreira, que havia escravos casados e vivendo com suas famílias nessa fazenda. E não eram casos únicos, pois vários foram os fazendeiros a registrarem o casamento de seus escravos.

Para entender a dinâmica dessas famílias se faz necessário entender o que demonstra grande parte dos estudiosos do assunto quando apontam que “O escravo podia constituir família, mas continuavam marido, mulher e filhos propriedades do senhor, que o amo podia, no entanto, separar os cônjuges e os filhos menores

de 15 anos, sob pena de anulação da venda efetuada, mas na prática, além de depender do senhor a autorização do casamento, este podia separar não por venda, mas de fato, os membros da família assim constituída”.<sup>1</sup>

O caminho escolhido para se conhecer um pouco mais sobre o assunto foi a pesquisa e a busca de fontes manuscritas do Centro de Documentação Histórica, da Universidade Severino Sombra, a leitura de livros e artigos que tratam exclusivamente do assunto, assim como de outros que apresentam visão oposta, para que se possa proceder a uma análise das obras publicadas a respeito, tendo por base “A Escravidão Reabilitada”. Do Professor Jacob Goreneder e “Rebelião Negra e Abolicionismo” da Professora Lana Lage da Gama Lima, pois ambos seguem a teoria de que a escravidão tinha razões econômicas e os escravos eram ao mesmo tempo tratados como mercadoria e pessoas, porém com direitos que não eram exercidos.

De acordo com a pesquisa levantada pode-se constatar a grosso modo que a teoria escolhida está comprovadamente correta no que diz respeito ao domínio dos senhores em relação aos seus escravos. De todos os documentos pesquisados somente em um deles: a relação de parentesco está explicitada. Trata-se do inventário de José Jorge da Silva, onde seus escravos veem relacionados, por nome, idade, estado civil, nome do cônjuge e dos pais, quando criança. Ele tinha mais ou menos 142 escravos. Nos outros documentos só pudemos constatar que o escravo era casado sem nenhuma menção a quem era seu cônjuge ou seus pais, o que comprova a pouca importância que se dava ao mesmo enquanto núcleo familiar e ao grau de parentesco que por ventura existisse entre eles. De acordo com o que foi dado em aula e com o que pudemos constatar das leituras feitas a família escrava esteve sempre ameaçada em sua instituição, porém os escravos de uma forma ou outra sempre se rebelarão contra a violência contra eles perpetrada.

Em pesquisa realizada posteriormente nos Arquivos Curiais da Cidade de Vassouras se pode encontrar nos livros de Registro de Casamento e Batizado ter havido muitos casamentos entre escravos com o aval de seus proprietários.

<sup>1</sup>A ideia da formação de famílias dentro das senzalas traria ou manteria a paz encontrada na obra “A Paz das Senzalas – famílias escravas e tráfico atlântico Rio de Janeiro c. 1790 – c 1850”, de Manolo Florentino e José Roberto Gois.

# Resenha



Lançado no mês de maio em Vassouras no Hotel Santa Amália e agora em junho no Rio de Janeiro, o Dicionário Histórico do Vale do Paraíba Fluminense é uma compilação de leitura fundamental para qualquer um que tiver vontade de saber um pouco mais sobre a história não só do Vale, mas do Brasil.

Dividido em verbetes, a obra traz um apanhado aleatório de pessoas, famílias, lugares históricos e instituições do Vale do Paraíba Fluminense do passado e de agora.

O trabalho tem a chancela do Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras, e é coordenado por três integrantes desta instituição: a Dra. Neusa Fernandes, a Dra. Irenilda Cavalcanti e a Mestra Roselene Martins. Contou também com o apoio da Prefeitura Municipal de Vassouras e da Nova Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro.

Roselene Martins, professora de História vassourense, autora de Colonização e política: debates no final da escravidão, pesquisadora em História para a Arqueologia e umas das coordenadoras do Dicionário fala à Revista Vale do Café um pouco mais sobre esse trabalho.

**Revista Vale do Café** - Como surgiu a ideia de lançar o livro?

**Roselene Martins** – A ideia foi da professora Dr<sup>a</sup> Neusa Fernandes, inspirada em um projeto de remissivo, planejado há muitos anos pela USS, e que não se concretizou. A ideia, então, evoluiu para um Dicionário. Fui convidada por ela para iniciarmos os trabalhos e delimitamos o recorte espacial: o Vale do Paraíba Fluminense. Estendemos o convite à professora Dr<sup>a</sup> Irenilda Cavalcanti, representando a USS e Coordenadora da área de História na época.

**Revista Vale do Café** - Com que objetivos?

**Roselene Martins** – Tínhamos como objetivo reunir numa mesma obra variadas informações, tais como biografias, famílias, cidades, caminhos, estradas, fazendas, sesmarias, casas de residência urbanas, hotéis, espaços religiosos como igrejas e cemitérios, instituições de ensino, de saúde, culturais e políticas, monumentos, museu e espaços de memória, para que o leitor pudesse apropriar-se de uma gama variada de informações a respeito da região e principalmente de Vassouras, obra essa destinada aos educandos, docentes e todos que gostam de história, visando atender a diversos níveis e áreas de interesse. O dicionário viria a atender aos nossos objetivos: verbetes que apresentam textos sucintos, descritivos, apresentando resumidamente uma informação, ideia ou um conceito, oportunizando o conhecimento sobre a história de municípios da região do Vale do Paraíba Fluminense.

**Revista Vale do Café** - Quais foram os critérios de escolha dos verbetes? Houve de certa forma a priorização de algum tema ou aspecto?

**Roselene Martins** – Escolhemos verbetes com no mínimo

uma folha inteira e no máximo três, que apresentassem textos concisos, que estivessem de acordo com as normas da ABNT e das estabelecidas pela equipe organizadora do Dicionário Histórico do Vale do Paraíba Fluminense. Não houve prioridade de temas. Apenas que estivessem relacionados ao Vale do Paraíba Fluminense em toda a sua extensão.

**Revista Vale do Café** - Como foi a escolha dos pesquisadores e colaboradores?

**Roselene Martins** – Como uma das regras, acordamos que os colaboradores seriam convidados por nós, as organizadoras da obra. Foram convidados principalmente confrades e confrades do IHGV (Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras) e do IHGRJ (Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro), por serem instituições irmãs no estudo e na pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

**Revista Vale do Café** - Como você vê (de um modo geral) a relação do morador do Vale do Paraíba com a sua própria história e memória?

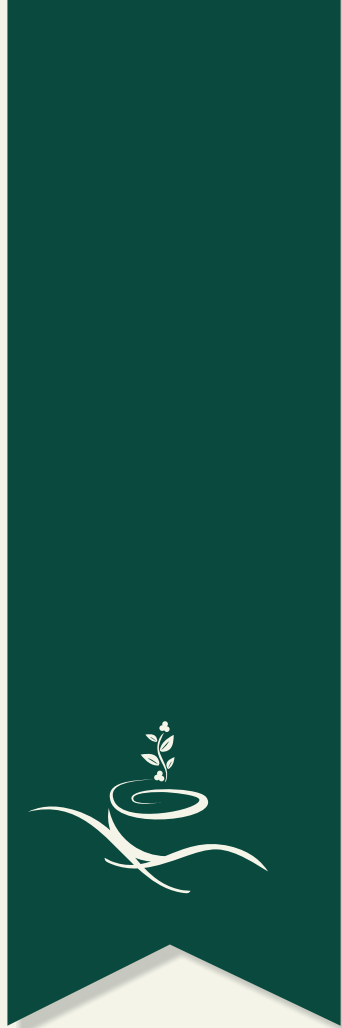
**Roselene Martins** – Penso que houve um incentivo maior ao conhecimento da história do Vale do Paraíba, principalmente na área mais conhecida como Vale do Café, por conta das atividades relacionadas à revitalização do turismo e ao incremento da economia. Entretanto, considero de suma importância o papel da educação para que um maior número de moradores conheça a região em que mora. Penso o conhecimento do seu passado e a conscientização da importância do resgate da memória dos atores que fizeram e fazem essa história propicia uma afinidade maior entre o homem e seu espaço.

**Revista Vale do Café** - Há no currículo da educação básica ou qualquer outro nível, o estudo da história regional? Isso é importante/útil?

**Roselene Martins** – Não tenho conhecimento de que há nas grades curriculares das redes estadual, municipal ou particulares uma disciplina específica de História Regional. Entretanto, há condições dos temas relacionados a essa história serem inseridos nas disciplinas de História do Brasil, quando abordamos assuntos tais como a abertura dos caminhos do ouro (História do Brasil Colonial), o período áureo do café no Brasil (Segundo Reinado), a República Oligárquica e tantos outros momentos. Entretanto, encontramos algumas dificuldades. Os assuntos a serem abordados nos currículos das redes de ensino são extensos e o tempo exíguo, o que faz com que muitos professores não tenham condições de abordar a história regional com maior acuidade. Penso que seria muito importante a inclusão das temáticas regionais nos currículos, configurando o trabalho de Educação Patrimonial. As novas gerações precisam conhecer a sua história e o seu espaço, pois só se ama o que se conhece. A afinidade, o sentimento de pertencimento e o desejo de preservar relacionam-se ao conhecimento.

**Revista Vale do Café** - Como o livro será distribuído?

**Roselene Martins** – O Dicionário Histórico do Vale do Paraíba Fluminense, a pedido das instituições de apoio, foi idealizado para atender preferencialmente educandos, professores. Dessa forma, será distribuído de forma a atender o maior número possível instituições educacionais e bibliotecas municipais. Entretanto, sabendo do limitado número de exemplares, privilegiaremos as instituições dos municípios que foram objeto de pesquisa nessa edição. No momento não há previsão para a sua finalização. O Dicionário não será comercializado.



**ARMAZÉM  
IMPERIAL**  
RESTAURANTE

**Carnes a La Parrilla.  
Tradicional Feijoada.  
Deliciosas Sobremesas  
Cervejas Especiais.**

Rua Barão de Vassouras, 19 - Casario Shopping  
Centro - Vassouras/RJ  
(24) 2471-1284 / 99948-1288

*Padaria*  
**Mandarô**  
*pães, bolos e tortas*

24 99207-0096

R. João XXIII, 250, Residência, Vassouras/RJ



R. José do Patrocínio, 74, Carvalheira, Vassouras/RJ  
24 2471-1696 | 2471- 8625



### LENTE DE CONTATO

Soflens 66 (B&L) Acuvue 2 (J&J) Solflex (Solótica)

### COLORIDAS

Lunare (B&L) Natural Colors (Solótica)



Rua Paulo de Frontin, 139 - Centro - Barra do Pirai/RJ

[novabarra.otica@ig.com.br](mailto:novabarra.otica@ig.com.br)

**(24) 2442-1895**



**RG Veículos**

**Vassouras**  
(24) 2471-1774

**Miguel Pereira**  
(24) 2484-3035

[www.rgfiat.com.br](http://www.rgfiat.com.br)



**TORO**  
INFINITAS POSSIBILIDADES.



“  
**Aqui a gente une história do século XIX com lazer do século XXI.**  
”

Samantha de Souza – Gestora na área de hospitalidade e turismo.



# FAZENDA UNIÃO

por JULIANA HENRIQUES

DO ALTO DA ESTRADA JÁ se avista a bela construção do século XIX. Em tons de rosa, branco e verde ela surge imponente e convidativa. Assim é a Fazenda União, situada na cidade de Rio das Flores, na região do Vale do Café.

Próximo à carruagem, em um jardim imenso e encantador, quem recebe a Revista Vale do Café é a personagem da própria Dona Luizinha, como é conhecida Luíza Vieira da Cunha Fraga, uma das figuras mais importantes da história do local, interpretada pela guia de turismo Samantta de Souza, belamente trajada com um vestido e adornos do século XIX, que logo começa a contar como a construção surgiu e as histórias por trás dela.

Tudo o que se vê, tanto na parte externa quanto na parte interna da casa tem uma história a ser contada, o ambiente exala o século XIX e convida o visitante a querer saber muito mais. “As pedras que servem de ponte para passarmos sobre os espelhos d’água da casa vieram provavelmente de terreiros de secagem do café no século XIX”, revela Samantta, convidando para conhecer a casa por dentro. Lá, o olhar se perde em meio a tantos objetos de decoração. Alguns não se encontram mais à venda nos dias de hoje como uma caixa de música, francesa, de 1816, que toca 10 melodias e produz um som doce e suave. “Além dessa raridade temos também diversas pinhas pela casa, e também no início e fim do corrimão das escadas pois as pessoas daquela época acreditavam que esse objeto traria prosperidade. Pode-se ver também descansos de talheres com o rasto de Dom Pedro II, esculpidas, uma série original feita pela realza para comemorar seus 3 anos de idade, além disso há também uma licoreira que representa o busto do Imperador cuja tampa é a coroa e faz parte de um aparelho completo de licor oriundo da família real”, afirma a guia.

Além desses objetos, muitos outros que caíram em desuso podem ser vistos nessa “casa-museu”: espevitadeiras para apagar as velas, xícaras bigodeiras de origem inglesa, berço europeu em madeira para apresentação dos bebês à sociedade e louças originais do Visconde do Rio Preto, que foram encontradas pelo atual dono da Fazenda, o engenheiro Mário Fernandes Vasconcellos, descobertas na casa de um parente distante do Visconde, na cidade de Vassouras – RJ. “Comentaram comigo que havia um tetraneto do Visconde morando em Vassouras e fui visita-lo. O questionei sobre ter algum objeto pessoal ou algo da família do tetravô. Ele me mostrou um quartinho, que denominou de ‘alojamento de quinquilharias’ e disse que estavam ocupando espaço e que eu podia vasculhar. Foi quando encontrei as louças!”, revela Mário.

Durante a visitação, o turista vai se maravilhar com as curiosidades do local, dos costumes da época e com salas que abrigam diversas coleções como a sala dos pratos brasonados, coroados ou monogramados, que abriga a 3ª maior coleção com peças das mais importantes famílias e barões da época.

A fazenda atualmente funciona como um hotel e oferece hospedagens em suítes e apartamentos dispostos ao longo de seu amplo espaço. Há suítes inclusive dentro do casarão, levando o hóspede a vivenciar uma experiência que o aproxima da atmosfera do século XIX. Segundo Mário, esse é um grande diferencial para atrair os turistas.

O hotel integra o seleto grupo de 55 estabelecimentos brasileiros que compõem o Roteiros de Charme, uma certificação para os meios de hospedagem que empregam práticas sustentáveis e estão em sintonia com o destino onde estão inseridos, com grande atenção ao meio ambiente, ao patrimônio histórico e cultural, e o bem estar da comunidade local. E faz parte também do Tour da Experiência - Caminhos do Brasil Imperial, projeto que envolve além das fazendas históricas, os hotéis, pousadas, restaurantes e lojas nos municípios de Barra do Piraí, Piraí, Rio das Flores, Valença e Vassouras.



FOTO: SAMANTTA DE SOUZA COMO LUIZINHA, POR JULIANA HENRIQUES.

Camilo da Fraga, médico da Marquesa de Baependi, muito renomado na localidade. Dr. Camilo muda-se então para a fazenda em meados de 1874 com sua esposa Dona Luíza Fraga, carinhosamente chamada de Dona Luizinha.

Em 1888 Dr. Camilo falece e Dona Luizinha permanece até 1918 na propriedade juntamente com 25 escravos, quando então a vende para um padre da região e leva consigo os 25 escravos e os aloja em lotes da família, dando abrigo e meios para seu sustento.

Em 1989 a propriedade passa a ser do arquiteto João Reis que a reforma em 1992. Dezesseis anos depois ele a vende para o atual dono, Mário Fernandes Vasconcellos, em 2008. *“Eu estava indo visitar uma fazenda em Campos Elíseos, acabei ficando preso em Rio das Flores por conta de um temporal. Busquei um lugar para ficar e achei a Fazenda União. E foi durante uma conversa com os donos que fiquei sabendo que queriam vender, e foi assim que acabamos fechando negócio”*, conta Mário, confessando que não tinha intenção de manter a fazenda como meio de hospedagem para terceiros. *“Eu não tinha muita noção do que fazer com todo aquele espaço e achava até estranho manter o hotel e morar ao mesmo tempo. Mas hoje confesso que gosto da movimentação e de conversar com os hóspedes. Além disso, encontrei um espaço para minhas coleções”*. Mário é um grande colecionador de peças do 1º e 2º império e tenta agregar tudo o que adquire ao ambiente da casa, para que ela não perca as características originais e fique cada vez mais com o aspecto de um museu.

“  
Na Fazenda o  
hóspede se  
acomoda  
dentro do  
Casarão e de  
fato participa  
do turismo da  
experiência.”

Mário Vasconcellos, Eng. Civil e  
Proprietário da Fazenda União.

## A HISTÓRIA DA FAZENDA

A Fazenda União inicialmente era uma sesmaria adquirida em 1802 por José Laureano do Amaral, que por 11 anos ali nada fez, nada produziu, assim como seu segundo dono, João Pereira Nunes. Em 1814, o Capitão Bernardo Vieira e sua esposa, Dona Escolástica Maria de Jesus, compraram estas terras sem produção alguma e inexploradas. O casal então deu o nome de Fazenda do Paraíso à propriedade recém - adquirida.

Com o falecimento do Capitão Bernardo Vieira, em 1838, as terras da Sesmaria foram divididas em sete partes, dando origem às Fazendas União, Esperança, Sapucaia, São Luís, São Policarpo, Divisa e Sossego. Desta partilha de bens entre herdeiros, coube a José Vieira Machado (um dos filhos) e sua esposa, Dona Lina Laudegária Vieira e Souza, a Fazenda União.

Somente em 1836 ela é de fato considerada uma fazenda. Dentre os diversos donos que a propriedade obteve temos dois que se destacam: Domingos Custódio Guimarães, Barão e mais tarde, Visconde do Rio Preto e Dr. Camilo da Fraga, médico.

Samantta, a guia da visitação, explica que *“Vindo de Carrancas, nas proximidades de São João Del Rey, em Minas Gerais, Domingos Custódio se encanta com a região e compra 9 fazendas, produz café em todas e dentre elas escolhe a Fazenda Paraíso, para residir com a esposa Maria das Dores e herdeiros: Domingos Filho e Maria Amélia”*, conta.

A esposa do Visconde do Rio Preto falece 5 anos após perder o marido, e é quando o filho toma as rédeas da fazenda e resolve vender as três propriedades que ele herda como dote de casamento, sendo a fazenda União para o Dr.

## PORQUE VISITAR E SE HOSPEDAR NA FAZENDA UNIÃO

Além dos atrativos que o setor de hospedagem oferece como piscina, sauna, piscina aquecida, mini golfe, passeio de bugre, de jeep, brinquedoteca, salão de jogos, bar, massagem, salão de cabelereiro, museu de arte sacra, arborismo, caminhada ecológica, quadras, plantações de café para visitaçã o e passeio de charrete, a fazenda também dispõe de atrativos como: festa junina, com quadrilha, barracas e comidas típicas sempre nos finais de semana de junho e julho, Sarau Afro com a participação de grupos da região, com danças e encenações todos os finais de semana. A gastronomia conta com o diferencial do delicioso e exclusivo pudim de café.

## PREOCUPAÇÃO COM MEIO AMBIENTE, SUSTENTABILIDADE E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

De acordo com Selma Rodrigues, sócia de Mário Vasconcellos, todas as construções dentro da fazenda utilizam material de demolição. *“A construção antes da gestão do Mário contava com 10 quartos. Após nossa entrada foram construídas mais 18 unidades habitacionais e em todas reutilizamos madeira, que chamamos de madeira de demolição. É uma forma de reaproveitar o que se tinha sem gerar mais lixo para o meio ambiente”*, afirmou Selma.

Além disso, segundo Selma, toda a água utilizada na Fazenda vem de nascentes que ficam dentro da propriedade, e após ser utilizada passa por um sistema de tratamento que a devolve limpa ao meio ambiente.

*“Nossos garçons recebem treinamento aqui dentro da fazenda. Damos curso profissionalizante à todos e os moldamos de acordo com os padrões de qualidade que acreditamos ser o melhor e ideal para servir nossos hóspedes e visitantes!”*, finalizou.

## SERVIÇO

### CENTRAL DE RESERVAS PARA VISITAÇÃO:

Segunda a Sexta - 9h às 18h  
Sábado e Feriados - 9h às 16h  
Tel: (24) 2491-1044 | 2491-2685

### CENTRAL DE RESERVAS PARA HOSPEDAGEM:

Tel: (24) 2458-1701  
reservas@fazendauniao.com.br

### ENDEREÇO:

Estrada do Abarracamento (RJ - 135) Km 25  
Abarracamento - Rio das Flores - RJ

### VISITAÇÃO GUIADA:

Aos Sábados às 10:00h e 11:00h  
Valor por pessoa com almoço incluso: R\$100,00

### SARAU AFRO:

Aos sábados, às 19:30h  
Valor por pessoa com jantar incluso: R\$100,00

FOTO: JULIANA HENRIQUES





FOTO: MÁRIO VASCONCELLOS E JERÔNIMO MAGALHÃES NA CAPELA DA FAZENDA UNIÃO POR JULIANA HENRIQUES.

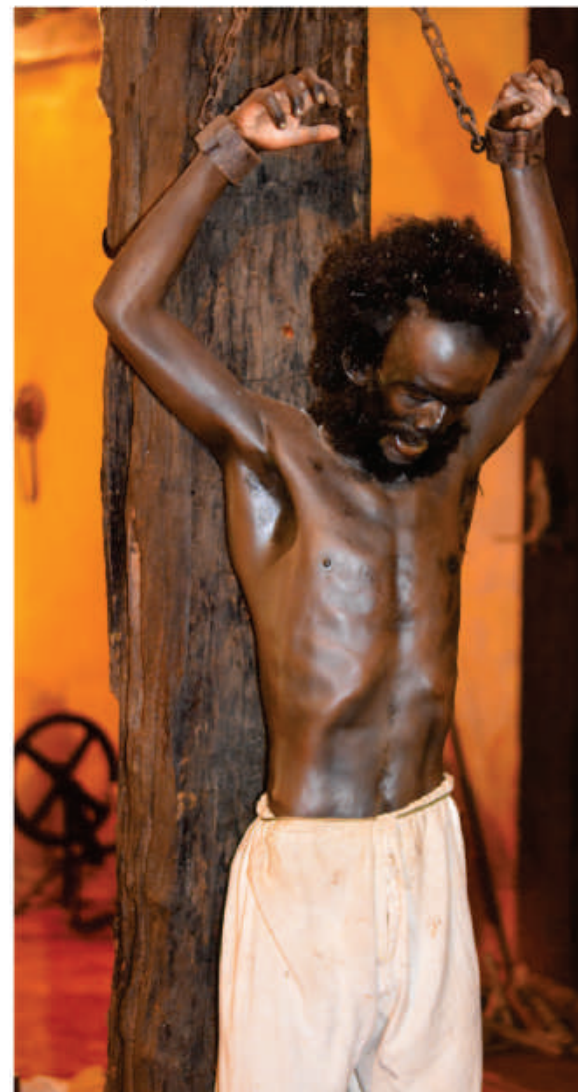
## JERÔNIMO MAGALHÃES, O ARTISTA DA FAZENDA UNIÃO E DO VALE DO CAFÉ

Uma capela construída em 2010 com todas as características do século XIX, de forma impecável. Um museu, dentro da senzala com esculturas de escravos em resina, fibra de vidro e acrílico que levaram cerca de 2 anos para serem finalizados. Tudo isso através das mãos talentosas de Jerônimo Magalhães, o artista que cria e restaura a arte que a Fazenda possui.

Autodidata, o escultor de Barra do Piraí - RJ, que hoje reside em Valença - RJ, começou a trabalhar na fazenda há 17 anos e conta como entrevistado nas pinturas que a casa possui na parede e também em outros ambientes sem descaracterizá-la. *"Enquanto mexíamos nas paredes, aos poucos fomos descobrindo algumas pinturas, e assim, pude notar seus detalhes e criar em cima disso em outros cômodos, para que não destoasse muito e tivesse além de harmonia também a preservação das características originais da casa! Queríamos fazer o novo dentro do contexto histórico do casarão"*.

Toda a arte da Capela de São José de Botas, que está com 6 anos de construída e é situada dentro da fazenda, como pinturas, telas, detalhes das paredes e adornos, são obras de Jerônimo. E o mais surpreendente nos aguarda dentro do museu do escravo, que fica na senzala original e preservada dentro da propriedade. *"Me pediram para esculpir algumas imagens de escravos, mas eu nunca tinha feito. Comecei fazendo alguns testes, aprendendo com meus erros mesmo, fazendo, refazendo, até que eu cheguei ao material ideal e as esculturas começaram a sair, e resultou no que vocês podem ver lá!"*, revelou Jerônimo que hoje trabalha produzindo esculturas em silicone para chegar mais próximo do hiper realismo.

FOTO: MUSEU DOS ESCRAVOS, POR JULIANA HENRIQUES.



## DOSSIÊ DO PATRIMÔNIO CULTURAL

# ESTAÇÃO DESENGANO

## Valença X Vassouras

Por José Luiz Júnior e Carlos Alberto Dias Ferreira

O nome surgiu da pendência existente entre os barões de Juparanã, Manuel Jacintho Nogueira da Gama e de Vassouras, Francisco José Teixeira Leite disputando cada qual o percurso a ser adotado pela antiga Estrada de Ferro D. Pedro II, pelos seus municípios. “Podiam os vassourenses ficar

desenganados do seu projeto, vendo passar longe da sede do seu município a bitola larga da atual Central do Brasil”...) [1]. Também pode ter surgido por conta de um sítio chamado “Desengano Feliz” que existia na localidade.

[1] Iório Leoni. Valença de Ontem e de hoje: 1789 – 1952. Companhia Dias Cardoso. Juiz de Fora – MG. 1952, p. 256-257.

FOTO: A ESTAÇÃO EM 1880 EM FOTO DA COMPANHIA DE ESTRADA DE FERRO DOM PEDRO II.





FOTO: A ESTAÇÃO ANTES DA REFORMA.

A Estação do Desengano, posteriormente Estação de Barão de Juparanã, é uma das mais antigas do Rio de Janeiro. Foi inaugurada com grande pompa pelo próprio imperador Dom Pedro II, em 17 de dezembro de 1865 no distrito de Valença.

Segundo descrição de documento do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC), o edifício possui características ecléticas, de planta retangular, em três módulos. Os módulos das extremidades têm dois pavimentos e o central é térreo, com uma torre que possui relógios em duas faces. O módulo central é coberto por telhado de duas águas em telhas de barro tipo marselha, o qual se estende na fachada voltada para a praça, sustentado por pilares de ferro,

para proteger a entrada da estação. Era usado como galpão, tendo três grandes portas de duas folhas com vergas em arco abatido. Esses vãos têm esquadrias de madeira e são emoldurados em argamassa. A plataforma é coberta por telhas de barro tipo Marselha, sustentadas por mãos francesas de ferro. Há uma passagem subterrânea passando por baixo da linha férrea interligando os dois lados da estação.

A Estação hoje faz parte do conjunto de bens do Patrimônio Cultural Ferroviário do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

A ideia de uma intervenção na Estação é antiga. Ela ficou abandonada por muito tempo e foi reformada recentemente com recursos do Prodetur (Programa Nacional de Desenvolvimento do Turismo) em parceria que envolve o Governo do Estado do Rio de Janeiro e o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento). O convênio foi assinado em 2013. A inauguração que marcou a conclusão da obra ocorreu em 18 de dezembro de 2015.

Um anexo do prédio será utilizado como sede da subprefeitura de Barão de Juparanã e a outra parte será utilizada para a realização de exposições e eventos.

FOTO: A ESTAÇÃO DEPOIS DA REFORMA.



CADA GRÃO DA NOSSA  
HISTÓRIA SELECIONADO  
ESPECIALMENTE PARA VOCÊ





# Hotel Santa Amália

região vale do café . Vassouras

*Viva essa experiência.*

CONHEÇA NOSSAS FESTAS  
TEMÁTICAS E GASTRONÔMICAS

Evento Batuque do Quilombo, Cozinha  
da Baronesa - de 26 a 28 de agosto.

24 2471-7007 | [www.hotelsantaamalia.com.br](http://www.hotelsantaamalia.com.br)